

CADMO

Revista de História Antiga

Centro de História
da Universidade de Lisboa

21



Ἰσοπέδιον ἔστω τοῖς ποσσὶν ἵππων
καὶ τῶν ἀνθρώπων ἵππων
ΜΗΝΙΝ Αἰιδε θεὰ Πηληϊάδεω

CARLOS GAYOL PALLÁN, *Breve Historia de los Mayas*, Madrid: Nowtilus, 2011, 440 pp. ISBN-13: 978-84-9967-153-6

A aposta da editora Nowtilus na edição de uma colecção designada «Breve História» tem vindo a revelar-se um extraordinário sucesso, pausando-se pela participação de autores conceituados, que têm em atenção a pertinência da colecção. De facto, as obras da colecção «Breve História» editadas até ao momento tiveram uma crítica bastante positiva por parte dos leitores, fossem eles amadores (o público alvo), ou especialistas.

Carlos Gayol Pallán é um dos mais promissores maianistas da sua geração, destacando-se no ano de 2010 como vencedor do prémio nacional de arqueologia Alfonso Caso. Dirige o Acervo Jeroglífico y Iconográfico Maya del Instituto Nacional de Antropología y Historia (AJIMAYA/INAH) e é doutorando pela Universidade de Bona (Alemanha).

O prólogo da *Breve Historia de los Mayas* foi atribuída a uma das maiores personalidades do estudos maias, Nikolai Grube. Este, de uma forma sucinta, traça o percurso dos Maias desde os tempos pré-colombinos até ao presente, partindo do imaginário actual que existe em torno desta civilização milenar e tendo como fio condutor a ideia de colapso *versus* continuidade. Termina o prólogo apresentando o autor da obra, salientando a experiência de Carlos Pallán enquanto arqueólogo, historiador e epigrafista.

Carlos Pallán inicia a sua obra através de uma introdução, salientando nesta o papel das diversas fontes. Debruça-se sobre as fontes coloniais e explica o processo de reinterpretação de fontes e a capacidade que foi sendo adquirida ao longo dos tempos para se poder decifrar novas fontes, nomeadamente aquelas que possuíam glifos maias. Para os menos esclarecidos, Carlos Pallán consegue, na nossa opinião com sucesso, fazer uma breve iniciação à breve história que irá apresentar nas páginas seguintes.

Após a introdução o leitor encontra-se quase que hipnotizado pela magia do imaginário que tais civilizações produzem. Esse fenómeno de pseudo-hipnose é quase que necessário, pois como em qualquer obra que vise a história geral dos Maias, o primeiro capítulo recai sempre sobre o meio ambiente e a evolução historiográfica dos estudos maias, sendo na maioria das vezes um capítulo denso onde o leitor iniciante em tais matérias rapidamente avança – sem dedicar a atenção necessária a tão indispensável capítulo – até ao capítulo seguinte. Carlos Pallán consegue criar um capítulo inicial atractivo, acompanhado o texto com

inúmeras informações visuais, mas sem nunca descuidar o rigor com que tal capítulo deve ser abordado. Atribui a este capítulo inicial a designação de «El Mundo Maya y los Estudios Mayas».

No segundo capítulo chamado «Orígenes y desarrollo», o autor transporta o leitor para os primórdios da presença do homem na América, guiando depois rapidamente o leitor até ao período pré-clássico, que situa entre 2000 a. C. e 250 d. C. Explica as várias subdivisórias existentes, assim como os estados evolutivos decorrentes do período em anteriormente referido. É de salientar o espaço que o autor concede à temática referente ao aparecimento da escrita, chamando ao leitor a atenção para a importância desse momento.

Algumas páginas depois somos convidados a entrar no período clássico (250 d. C. a 900 d. C.). Este período reparte-se por cinco capítulos sendo que o último dedicado ao colapso das culturas maias do período clássico. Durante os capítulos dedicados ao período clássico o autor realça os aspectos históricos, religiosos, políticos, ideológicos e sociais de várias cidades-estado. Durante a narrativa é apresentada ao leitor a teoria de «super-reinos», assim como é abordada a importância da propaganda e das relações de vassalagem entre reinos. A influência de Teotihuacan sobre a região maia, que ao longo dos anos tem despertado rivalidades saudáveis, não é esquecida e chega mesmo a contar com um capítulo sobre a temática.

À medida que o autor vai avançando no tempo, não vai descuidando a apresentação de informações visuais, nem a enumeração das diversas dinastias reinantes nas diferentes cidades-estado abordadas. Rapidamente o leitor chegará ao sétimo capítulo «El colapso del Clássico Terminal».

No oitavo capítulo o autor apresenta ao leitor o período designado como pós-clássico, dando especial atenção à mudança mental ocorrida, em muito devido ao aparecimento da figura de K'uk'ulkaán. Explora o mito e a história da serpente emplumada e a sua relação com a cidade de Chichén Itzá. Guarda, ainda, umas modestas quatro páginas para outra cidade de elevada importância no período do pós-clássico: Uxmal. Finaliza este oitavo capítulo com a conquista dos povos maias.

O autor não termina a sua obra com a conquista, ao invés disso apresenta ao leitor um epílogo onde aborda o período colonial e a resistência dos povos maias para salvar a sua identidade cultural. Reflete ainda um pouco sobre os maias actuais e sobre o seu papel enquanto fonte viva e a ajuda que ao longo dos anos têm vindo a dar aos maiastas.

No epílogo é, ainda, apresentada a conclusão que sucintamente faz um apanhado da obra e onde o autor expressa clara e abertamente a ideia

que a salvaguarda do património indígena da região maia é, ao mesmo tempo, uma conservação de uma fonte preciosa para a continuidade do desenvolvimento dos estudos maias e mesoamericanos.

Depois de ler a obra de Carlos Pallán o leitor poderá encontrar na sucinta – mas porém muito bem ponderada – bibliografia, referências básicas para a continuação da aprendizagem de tais temáticas. Não tendo o autor esquecido a referência a estudos mas, também, a fontes, as quais muitas vezes são deixadas à parte em obras similares. A obra não possui um corpo isolado de anexos, em vez disso como é já tradição na colecção «Breve História», as informações visuais são distribuídas ao longo da obra. Tornando-a, assim, mais apelativa aos olhos do público alvo, o qual muitas vezes não possui na sua mente as imagens que por vezes são extraordinariamente necessárias para a compreensão de alguns processos e acontecimentos. Um desses casos é a necessidade clara de apresentação de imagens de glifos maias, pois estes são uma fonte importantíssima para o estudo actual dos antigos Maias.

A obra de Carlos Pallán é, na nossa opinião, uma das mais actualizadas visões globais da história dos Maias, sendo quase obrigatória para quem queira enveredar pelos estudos maias. É sobretudo uma obra de divulgação, que é necessária perante a quantidade de obras específicas de estudos maias que existem no mercado, as quais de grande valor intelectual, mas que dificultam em muito a atracção de novos públicos, devido ao seu cariz marcadamente académico.

Miguel Pimenta-Silva